

# A cura dos males através da farmacopéia brasileira com o uso fitoterápico

Irailde Dias<sup>1</sup>

É verdade que, no caminho que leva ao que  
cabe pensar, tudo parte da sensibilidade  
(Gilles Deleuze)

## RESUMO

O artigo relata sobre as plantas medicinais existentes nas florestas brasileiras, uma experiência que percorre a extensão total do passado brasileiro, conhecimentos descobertos e utilizados pelos nativos brasileiros, uma adversidade extraordinária. Comparadas com a impressionante produtividade, abundância e variedade das plantas tropicais da América do Sul, nem a América do Norte, nem a Europa jamais possuíram uma história tão maravilhosa para contar. “Ali espalhou-se por toda a parte, plantas agradáveis à vista e boas para comida: no meio destas achava-se a árvore da vida, cujos frutos dariam vida eterna, e a ciência do bem e do mal, única expressamente defesa ao homem, sob pena de morte” (HOLANDA, 1996, p. 150).

Palavras-chave: plantas medicinais, conhecimento popular, experiência médica.

## Introdução

Uma das dimensões mais intensas da experiência social brasileira da história florestal corretamente entendida é, em todo o planeta, uma história de exploração e destruição. Esta história da Mata Atlântica não é uma história natural, ou seja, não é uma explicação das criaturas da floresta e das relações

---

<sup>1</sup> A aluna é professora do ensino fundamental II da Escola Geraldo Luis de Araújo, no ensino de História, na cidade de Areial-PB. É aluna especial do mestrado, da disciplina História Ambiental, com o professor José Otávio Aguiar, da Universidade Federal de Campina Grande.

que estas mantêm entre si. É antes, um estudo da relação entre a floresta e o homem. A percepção, o aprendizado e a experiência limitados do autor e a opacidade e dispersão de muitas das fontes históricas, sem dúvida ofuscaram em diversos pontos muitas interações importantes entre o homem e o seu ambiente natural. Mesmo assim, a intenção foi a de retratar a Mata Atlântica como algo mais que uma atraente reserva de recurso com um desafio da ambição humana (DEAN).

É evidente, no entanto, que esses povos tenham pouca necessidade de explorar a floresta. Provavelmente coletavam seus frutos e remédios silvestres; afora isso, viviam de costas para ela, distante de seus vizinhos do planalto. É possível que seus usos do recurso florestal estivessem se intensificando. Investigações antropológicas recentes têm mostrado o quanto é considerável o conhecimento de plantas pelo povo pré-agrícola e como é gradual sua passagem da coleta de produtos vegetais para o seu plantio e cultivo. Possuíam diversos usos para as plantas, além do alimentício – alucinógenos, estimulantes, afrodisíacos, objetos de culto, e os apreciados genipapo e urucum, dos quais se extraíam tintas negra e vermelha para a pele e que também repeliam insetos e bloqueavam os raios do sol<sup>2</sup>, abortivas e assim por diante (DEAN, 2000, p. 43).

Uma vez que os jesuítas identificaram que seus concorrentes clericais como servidores do diabo, não estavam em boa posição para aprender com eles sobre remédios úteis que a floresta poderia oferecer, embora chegasse atribuir benéficos a algumas plantas nativas cultivadas por eles. “é evidentemente que a sociedade tupi se debatia com questões mais fascinantes que o desmatamento<sup>3</sup> (DEAN, 2000, p. 54-55). O pajé era o sacerdote de

---

<sup>2</sup> Walter Alves formula estas questões em. “O meio ambiente e a definição de padrões de estabelecimentos e subsistência de grupos caçadores – coletores: o caso da bacia do Auto Guareí, São Paulo”, *Pré-História*, 6, 1984, 175-80. Sobre a chegada dos primeiros homens na América do Sul, ver Donald Lathrop, “The ‘hunting’ economies of the tropical forest zone of South America: Na attemp at historical perspective”, em Daniel Gloss, Ed. *Peopes end Cultures of native South America* (Grden city, NY, 1973), pp 83-97.

<sup>3</sup> Luís da Câmara Cascudo, *Geografia dos mitos brasileiros* (Belo Horizonte, 1983 [1948], pp 51-91; Antonio Geraldo da Cunha, *Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (São Paulo, 1978); Alfred Mitraux, *A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guarani* (2ª Ed; São Paulo, 1979), pp 45-50, e comentários de Estevão Pinto, p 52. Sobre menstruação, ver Holanda, *Caminhos*, p. 127. Em outra versão do mito da criação, a primeira mulher é morta por seus filhos, gêmeos heróis, enquanto estão ainda no seu útero, ao

jurupari. Portava seus chocalhos sagrados e oficiava seus rituais que significavam a morte para as mulheres que a eles assistissem. O pajé também praticava a cura e, nesta função, era o depositário do conhecimento médico - mais precisamente dos conhecimentos das plantas. A medicina popular mais recente deriva, em última instância, de um rico saber tupi, do qual os conquistadores ficaram em grande parte ignorantes. O culto pode ter sido transmitido aos tupis pelos arauaques, residentes mais ao norte; por sua vez os tupis podem tê-lo disseminado a outros grupos à medida que estes adotavam a agricultura. Por exemplo, o tabaco, que já era cultivado, era a panacéia da farmacopéia indígena. Sua fumaça era soprada sobre o doente para espantar espíritos; no mínimo, sem dúvida espantava insetos. Parecia aos jesuítas que fumar tabaco assentava o estomago, problema de que sofriam bastante, já que não estavam habituados as comidas nativas. Embora tentados, abjuram o ato por receio de condescender a sabedoria de “infiéis” nus.<sup>4</sup> (Idem)

O interesse pelo tema “plantas medicinais” dar-se pelo alto custo e desconforto que a medicina nos impõe. Diante desse fato pensamos em pesquisar esta arte de curar através das plantas medicinais, que é uma experiência milenar, mas, que ainda há muito o que desvendar. As plantas mais utilizadas foram testadas no decorrer da história humana, até chegar aos nossos dias. A maior parte do conhecimento disponível sobre as plantas veio da troca de experiência dos usuários, após tentativas com erros e acertos, além da observação do uso por animais, estas, portanto, são as informações empíricas (ou populares), e fazem parte da medicina popular. Há também as informações científicas, construídas a partir dos estudos e pesquisas em laboratórios para comprovar sua utilidade e eficiência, desses estudos deriva o método técnico do uso das plantas medicinais, o qual denominamos de fitoterapia (terapia – tratamento, fito – planta). O ponto de partida da ciência, quase sempre, é a informação popular.

---

quais a atraem até a toca da onça; depois, as onças os alimentam: Curt Nimuendaju Unkel, *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuvaguarani* (São Paulo, 1987), pp. 143-51.

<sup>4</sup> José de Anchieta, “Cartas sobre as coisas naturais de São Vicente”, 31 de maio de 1560, *Cartas: correspondência ativa e passiva* (São Paulo, 1984), 6:123-45; Manuel da Nóbrega, *Carta do Brasil e mais escritos* (Coimbra, 1955), pp. 83-377.

No entanto, será difícil e abstrato, em todo caso, compreender este objeto de estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos de discurso literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata a “cura dos males através da farmacopéia brasileira, com uso fitoterápico”, como forma de complementar o conhecimento científico.

A questão a ser problematizada é entender como esse saber, vem sendo construído pelos pensadores dessa filosofia e historiadores em si. Como estas ervas sendo escritas nos documentos estudados, e como vem surgindo ao longo de muitos séculos, suas diferenças e transformações. Discutir os efeitos conhecedores de cada planta medicinal empregada no tratamento das enfermidades humanas que muito já conhece a respeito de seu uso por parte da sabedoria popular. Com os avanços científicos esta prática milenar perdeu espaço para os medicamentos sintéticos, entretanto, o alto custo destes fármacos e os efeitos colaterais apresentados contribuíram para o surgimento da fitoterapia (terapia através das plantas).

O intuito português de conquistar e transformar esse território e nele sucumbir ou admitir sua rendição às culturas nativas evidencia-se no seu interesse limitado pela vegetação. Reconheceram e relataram diferenças grosseiras entre o ambiente tropical e o do conhecido Atlântico Norte: calor constante, sem inverno, chuvas abundantes e sazonais, florestas por toda a parte e carregadas de névoa, as árvores muito altas e de folhas perenes. Compilaram listas de espécies potencialmente exportáveis, principalmente madeiras-de-lei, algumas plantas medicinais. Mas muitas outras plantas jamais chegaram, e por isso, seus nomes continuam estranhos ao ouvido europeu, intraduzíveis e exóticas tanto no sentido psicológico quanto botânico.<sup>5</sup> Isso

---

<sup>5</sup> Holanda, *Visão*, pp. 190-2, 217,227; Gandavo, *História*, p. 5; Manuel da Nóbrega, “Informações das Terras do Brasil” ([agosto?]1549), em Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil e mais escritos* (Coimbra, 1955) pp. 57-67; J. F. de Almeida Prado, *Primeiros povoadores do Brasil* (5ª Ed., ver. E amp., São Paulo, 1976), p. 78. As relações mais detalhadas da flora e fauna nativas são as de José de Anchieta (1º de setembro de 1554), em Serafim Leite, Ed., *Monumento Brasileial* (Roma, 1956), 2; 112; Gabriel Soares de Souza, que arrola plantas medicinais em tratado discursivo do Brasil em 1587 (4ª Ed.; São Paulo, 1917 [1851], p.206; e Francisco Soares, que observou em coisas notáveis, pp. 183-5, 193-203, “ervas das quais Dioscoredes não tinha conhecimento” e apresentou uma lista dos recursos de pesca e mariscagem da baía da Guanabara – ele parece ter sido um pescador. Truta, Salmão e outros peixes exóticos foram introduzidos posteriormente na América do Sul. Estudo holandeses sobre história natural brasileira datam do segundo século da invasão; ver Gugliemus Piso, De

concordaria melhor com a idéia, então geralmente admitida, de que a natureza se abra impregnada de mistérios e significações encobertas. Esse modo de pensar só começará a ser completamente liquidado a partir do século XVIII, quando o mundo principia a ser interpretado, de preferência, segundo critérios fornecidos pelas ciências físicas e matemáticas. Se é bem verdade, porém, que o desenvolvimento das ciências naturais acabou por desterrar a interpretação moral da natureza, não é menor que a viva impressão causada pelo que corria da pudicícia da sensitiva deixou sua marca na própria denominação científica ainda conservada até os nossos dias por essa minoria. (HOLANDA, 1996, pp. 224-225).

Os invasores portugueses imprevidentemente destruíram uma considerável realização cultural, da qual tinha plena consciência e qual não conseguiram dar nenhum valor: a capacidade dos habitantes nativos de sobreviver em seu meio. Um ecossistema pode ser visto como em reservatórios de informações, as geneticamente programadas, e, ao mesmo tempo, as acumuladas por suas espécies, relevantes a sua sobrevivência e reprodução em seu interior. Os homens da Mata Atlântica, com todas as outras suas criaturas, haviam armazenados, durante 12 mil anos, seus próprios estoques de informação. Cada grupo havia atribuído nomes a centenas de espécies para as quais encontraram algum uso e sobre as quais conheceram os habitats, estações, hábitos e, ainda, relações com outras espécies. Uma vez que os recursos e experiências de cada aldeia diferiam dos seus vizinhos, milhares de espécies da Mata Atlântica tinham sido controladas na memória de seus habitantes humanos. Apenas a tradição oral preservava essa cultura. Uma vez retirados os indígenas de seu habitat, toda essa informação começou a se deteriorar, e a floresta se tornou estranha e carente de propósito humano. (DEAN, 2000, pp. 83).

Por todo o decorrer dos três primeiros séculos, a partir da descoberta, o rude meio ambiente brasileiro de precárias condições culturais, de baixo nível social e econômico, não favoreceu o desenvolvimento e a formação de uma ciência médica nacional. A medicina apenas, no que pôde, a súpula de

---

indiae utriusque re naturali ET medica (Amsterdã, 1658), e Kaspar Van Baerle, História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil (Rio de Janeiro, 1940 [1640]).

noções, idéias e preceitos em voga nos centros europeus, dos quais proveio. Se a chegada da Corte Portuguesa acarretou, em 1808, a implantação do ensino médico- e as escolas da Bahia e do Rio de Janeiro assinalam um marco evolutivo de real significado – a verdade é que não se pode, em qualquer tempo, apontar na medicina aqui praticada característica que lhe imprimam um sentido de certo modo próprio “brasileiro”, a não ser na época atual, no século XX. Advirta-se, entretanto, que embora originária da Europa, a arte médico-cirúrgica trazida para o Brasil experimentou o toque da terra, do ambiente, sofrendo, ademais, a influência dos agentes incultos, ou inscientes, que a veicularam. Constituiu ela, então, mormente na base agora encarada, má expressão da ciência da época, pois que foi bem pouco conhecida e bem mal praticada, estando ainda prenhe de abusões e superstições.

É a partir do século XVI que se iniciam, na Europa, investigações, estudos e descobertas que irão proporcionar à medicina o cunho científico de que passou a se revestir. E tais investigações e pesquisas não se efetuaram e também não penetraram com facilidade nos centros ibéricos, como Salamanca e Coímbra, onde justamente estudaram os físicos e cirurgiões que até fins do século XVIII exerceram a profissão no Brasil. Ainda incipiente como ciência na maioria dos centros civilizados e até mesmo mal aplicado pela generalidade dos profissionais, não é de admirar que a medicina, em suas idéias e como arte, viesse a decair transplantada para meio adverso e praticadas por indivíduos ignorantes, de índole aventureira, desafeiçoados aos estudos, dado que para as terras americanas não emigraram médicos de saber, de cultura, e muito menos professores ou pesquisadores.

O povo nômade, de íntimo grau de civilização, que habitava o país ao tempo da descoberta, possuía da arte de curar certos conhecimentos práticos e empíricos, subordinados à ação do sobrenatural. A doença era a resultante de um castigo ou provação, ao órgão afetado ou ao principal sintoma apresentado. A tradição oral guardava, de geração em geração, as noções sobre patologia e terapêutica.

Geralmente fortes e sadios, os indígenas brasileiros padeciam de poucas entidades mórbidas. E os cronistas do século XVI reconheceram a boa

sorte dos “brasis” em possuir quadro nosográfico tão circunscrito. Foram os descobridores e colonizadores que introduziram no país doenças como a varíola, que iriam desde logo concorrer, juntamente com o apresamento e extermínio empreendidos pelos brancos, para a dizimação do gentio. Citam-se como integrantes da patologia indígena, na ocasião da descoberta, a boubá, o bócio endêmico, certas parasitoses e dermatoses, febres inespecíficas (reumatismo? Gripe?), disenterias, afecções do aparelho respiratório, como pneumonia e pleuris, ferimentos de guerra e acidentais, afecções e sintomatologia resultantes de envenenamento e mordeduras por animais venenosos, afecções resultantes de desvio alimentar... Muitas doenças das chamadas doenças tropicais eram,então, completamente aqui desconhecidas. Sobre a malária e a sífilis, discute-se ainda a origem americana, pelos menos em terras brasileiras.

A terapêutica indígena, mágica e mística, valia-se da índole sugestível do silvícola e basiava-se na virtudes medicinais de numerosas espécimes da flora nativa. “A mata e a sua farmácia”, conforme assinalou o arguto observador que foi Von Martins. E os padres jesuítas cabe o mérito de aproveitamento e vulgarização das propriedades terapêuticas de vegetais que logo foram incorporados à farmácia, como a copaíba, a ipecacuamba, o jaborandí e tantos outros.

A prática médica propriamente dita, efetuou-se principalmente no século XVI, tanto junto ao indígena, como ao colono povoador. Foi, então, quando o padre jesuíta serviu de físico, cirurgião e barbeiro. Ele moicou, lancetou, sangrou, sarjou, partejou. Soube aplicar os conhecimentos médicos da época e os que adquiriu, da medicina indígena. Instruído e observador, identificou os vegetais medicinais nativos, cultivou-se, experimentou-se e exportou-os para Europa, tornando ali conhecidos algum do valor da ipecacuamba. Soube substituir pelos produtos da terra aqueles europeus de difícil aquisição.

“usamos em lugar de vinho, de milho cozido em água, e que se junta mel de que há abundancia; é assim que sempre bebemos as tisanas ou remédios”, ainda segundo Anchieta.

As plantas medicinais nativas constituíram o maior arsenal terapêutico empregado. Já conhecidas dos indígenas por eles usadas, aproveitadas pelos

padres, que as difundiram, os demais profissionais da medicina delas se valeram de seu receituário. Acresce que os medicamentos reinóis ou europeus, que os físicos e cirurgiões carregam em suas caixas de botica, além de não bastarem para o consumo – e a importação mostrou-se precária e morosa – deterioravam-se com a facilidade. Desde o começo da colonização e ainda mesmo no século XIX, chamou-se contra a falta de remédios. As poucas boticas existentes apresentaram-se sempre com as prateleiras desfalcadas ou vazias. As lojas de barbeiros, onde também se processava o comércio de drogas, da mesma forma ressentiram-se da escassez. (HOLANDA, 2004, pp. 154-153).

Os portugueses atribuíram, por analogia, os nomes das plantas e animais europeus familiares a alguma das espécies da Mata Atlântica, mas o resto foi recebido dos indígenas. Dois terços dos nomes comuns das árvores da Mata Atlântica e praticamente de todos os seus animais são de origem tupi-guarani.

Juntamente com introduções de plantas oficialmente patrocinadas ou conhecidas pelo governo, havia muitas outras cuja procedência é obscura. A curiosidade, a domesticação, o aprimoramento e a comercialização de espécies nativas brasileiras não estava entre os objetivos arrolados no decreto que reorganizou o jardim Botânico do Rio de Janeiro. O cultivo das plantas até então silvestres era, certamente, um projeto muito mais complexo do que a simples transferência de plantas exóticas já domesticadas. Os naturalistas portugueses ainda imaginavam as florestas brasileiras e o seus usos potenciais.

As plantas florestais de valor medicinal eram extremamente variadas de fato, o saber medicinal dos indígenas era o único aspecto de sua cultura que os brancos da cidade não desdenhavam. As assustadoras doenças dos trópicos os levavam a aceitar, temerosos, os vermífugos, febrífugos, remédios para a piã, doenças venéreas e, o mais enganoso deles, antídotos para picadas de cobras. Além destes, acrescentam-se as curas para queixas mais prosaicas – reumatismo etc.. Os indígenas também possuíam contraceptivos e abortivas. Apenas um desses remédios da Mata Atlântica, no entanto, tornou-se artigo

importante do comércio exterior. Foi a ipecacuanha ou poaia, cujo rizoma é um emético. Outras plantas foram urgentemente procuradas na Mata Atlântica: salsa-parrilha, cânhamo e cinchona<sup>6</sup>.

Ao finalizar, resta aludir à influência que os negros africanos poderiam ter exercido sobre a medicina no Brasil. Em verdade, pouco se teria a dizer. Os conhecimentos e noções sobre a arte de curar trazidos pelos africanos não impressionaram quanto ao montante e nem quanto a qualidade. Contaminada pela feitiçaria, relacionada com a magia, praticada por feiticeiros-curadores ignorantes e embusteiros, a medicina dos negros perdeu-se em suas noções essenciais, terrenas, porque a parte sobrenatural, de que estava eivada e sobrecarregada, persistiu entre os praticantes e disseminou-se pela população inculta.

Nada mais intrincado nem mais dificultoso do que delimitar e nomear períodos no delineamento da história da medicina no Brasil. Demarcar fases acarreta sempre inconvenientes e falhas, além de críticas por vezes justas. Já se aludiu, como integrantes da era colonial, à medicina indígena, à jesuíta, e adiante serão abordados a medicina negra e a medicina no Brasil holandês. Agora, qual nome apropriado para esta fase da medicina desenvolvida pelos profissionais portugueses, espanhóis e brasileiros descendentes dos povoadores, fase que antecede aquela que poderia chamar escolar ou pré-científica, anterior à fase científica de nossos dias? Que designação se aplicaria ao período que vai da descoberta até a instalação do ensino médico, em 1808, com a fundação das escolas do Rio de Janeiro e da Bahia? Visto que abarca o tempo no qual a arte foi praticada por indivíduos não Sá oriundos da Península Ibérica, como também imbuídos do espírito, do sentido e das idéias médicas ali vigentes, parece que se poderia, chamá-lo fase ibérica, de melhor significação e expressão do que europeia, não o bastante a medicina ibérica se confunde com as demais adotadas nos países europeus. (HOLANDA, 2004, pp. 150-151).

## Bibliografia

---

<sup>6</sup> Conhecida no Brasil como “quina”, da qual se extrai o quinino. (N. T.)

CROSBY, Alfred W. 1936: IMPERIALISMO ECOLÓGICO, - A expansão biológica da Europa – 900-1900 – In: Prof Dr. José Otávio Aguir – 1º reimpressão, 2000, pp. 133-153.

DEAN, Warren. 1995: A FERRO E FOGO: - A Historia e a devastação da Mata Atlântica brasileira.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. 1996: VISÃO DE PARAISO. São Paulo. 6ª Edição, 3ª reimpressão, 2004, pp. 150-151.

PONTING, Clive. 1995: UMA HISTÓRIA VERDE DO MUNDO. Tradução de Ana Zelma Campos.

Sob a direção de HOLLANDA. Sergio Buarque. 1997: HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. I. A Época Colonial. 11ª edição, 2º volume, 2004, pp. 145-160.

Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Humanidade  
Unidade Acadêmica de História e Geografia  
Curso: Especial em mestrado  
Professor: José Otávio Aguiar  
Aluna: Irailde Dias Gonçalves

### Artigo

Este artigo é referente à avaliação da disciplina História Ambiental, oferecida pelo programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Tema: Plantas medicinais

Título:

A cura dos males através da farmacopéia brasileira; com uso fitoterápico.

Junho 2008

## Plantas medicinais

A cura dos males através da farmacopéia brasileira; com uso fitoterápico.

As plantas medicinais utilizados pelos nativos tem sido de grande importância para esses profissionais, que hoje atuam, apesar da destruição a floresta constitui hoje um grande arsenal terapêutico emprego para os pesquisadores. Saberes já conhecidos dos indígenas e por eles usados, aproveitado pelos padres coloniais e que as difundiram aos demais profissionais da medicina que delas se valeram no seu receituário. O presente trabalho intitulado “A cura dos males através da farmacopéia brasileira, com o uso fitoterápico”, tem como objetivo pesquisar sobre as práticas de cura usadas pelos nativos que as utilizou na arte de curar.

IRAILDE DIAS